



Volume 2, Janeiro-março de 2006.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA¹

Carla Rejane Barz Redmer²

RESUMO:

O presente trabalho pretende abordar questões ligadas às dificuldades enfrentadas no atual processo de ensino-aprendizagem, relacionadas com a carência de leitura que acarretará dificuldades de interpretação e de escrita, ligadas principalmente ao ensino de História. Serão feitas também relações do tema com as vivências do estágio.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, ensino, escrita, interpretação, História, cidadão, crítico.

ABSTRACT:

The text intend board questions conected to difficulties face up to currently process for teaching-learning, relation to the lack for reading to result in difficulties for interpretation and for writing, conected to the teaching for History. Will do also relations for the subject with the experiencies from traineeship.

¹ Texto apresentado para avaliação parcial da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de História – Licenciatura, ministrada pelo professor Daniel Prado.

² Acadêmica do Curso de História – Licenciatura da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

KEY WORDS: Reading, teaching, writing, History, citizen, critic.

A afirmação de que ler é a capacidade de entender um texto escrito poderia parecer intuitivamente evidente, mas as explicações de sua interpretação não são tão óbvias.

Apesar do reconhecimento espontâneo da afirmação *ler é entender um texto*, a escola contradiz, com certa frequência, tal afirmação ao basear o ensino da leitura em uma série de atividades em que se supõe que mostrarão aos alunos como se lê, mas nos quais paradoxalmente, quase nunca é prioritário o desejo que entendam o que diz o texto. O distanciamento dessas práticas educativas, de qualquer busca do significado não se baseia naturalmente, em uma perversidade intrínseca da escola mas é consequência de uma concepção leitora, que permaneceu vigente durante séculos até que os avanços teóricos nesse campo, nas últimas décadas, a puseram em questão.

A problematização da leitura e interpretação, presentes em todas as áreas de ensino estende-se principalmente ao ensino de História, fato constatado durante o estágio obrigatório e percebido também no cotidiano. A leitura e a escrita são elementos essenciais para a compreensão da História, sendo que, não conseguimos imaginar a área de História sem atividades específicas de leitura e escrita.

"A escrita é algo tão importante na história que, para alguns, só existe história quando existe escrita. Daí as divisões história e pré-história. Podemos considerar que, nas sociedades anteriores à escrita, todo o saber estava guardado na comunidade de indivíduos vivos. Por isso, a morte de um velho é um arquivo que se queima. Com o aparecimento da escrita, o saber passa a ser sustentado pelo texto, e é o intérprete desse texto que domina o conhecimento. Estudar a figura dos sacerdotes da Antigüidade é importante por isso: são eles que interpretam os textos sagrados, tais como a Bíblia e o Alcorão, onde está contida toda a história do mundo. A história, por outro lado, é uma determinada leitura do real, feita com a utilização de um conjunto de procedimentos e informações que orientam e validam a produção do conhecimento histórico". (SEFFNER, 1998: 106)

Em geral, aprender a ler e a escrever é considerado alfabetização. Dominado o código escrito, a tarefa ainda está longe de terminar, ou seja, podemos ter uma classe de alunos já alfabetizados, mas isso não significa que eles integrem o recurso à leitura e à escrita na sua maneira de ser e estar no mundo, na sua maneira de pensar e agir.

Através da leitura superficial, o texto proporciona apenas uma das fontes críticas de informação. É preciso que o resto provenha dos conhecimentos prévios do leitor. A relação entre o texto e o leitor durante a leitura pode ser qualificada como dialética, ou seja, o leitor baseia-se em seus conhecimentos para interpretar o texto, para extrair um significado, e esse novo significado, por sua vez, permite-lhe criar, modificar, elaborar e incorporar novos conhecimentos em seus esquemas mentais.

"Ler, mais do que um simples ato mecânico de decifração de signos gráficos, é antes de tudo um ato de raciocínio no sentido da construção de uma interpretação da mensagem escrita a partir da informação proporcionada pelo texto e pelos conhecimentos do leitor e, ao mesmo tempo, iniciar outra série de raciocínios para controlar o progresso dessa interpretação de tal forma que se possam detectar as possíveis incompreensões produzidas durante a leitura". (CAMPS & COLOMER, 2002: 33).

O desafio da leitura é um desafio de democracia e de cidadania, da constituição do aluno cidadão leitor e isso ultrapassa amplamente as paredes da escola, mas a escola é uma etapa importantíssima nesse processo. A leitura é também uma chave para a integração política do jovem a integração à "*polis*", aos códigos de discussão da comunidade política. A leitura e a escrita constituem o caráter público para o indivíduo.

Uma leitura chama o uso de outras fontes de informação, de outras leituras, possibilitando a articulação de todas as áreas da escola. Além disso, ela remete a diferentes fontes de conhecimento, da História à Matemática. Nesse sentido, a leitura e escrita são tarefas fundamentais da escola e, portando, de todas as áreas.

Segundo SEFFNER (1998), os conhecimentos históricos podem servir de apoio na leitura de qualquer outra modalidade de texto, em qualquer outra área, na medida em que todo o texto é dotado historicamente, vinculado à determinada visão de mundo ou conjuntura. A percepção do conteúdo do texto aliado à percepção da realidade social, que nos rodeia, são aspectos essenciais para atividades de leitura e escrita numa aula de História.

Desse modo, as atividades de leitura e escrita associadas ao ensino de História devem possibilitar que o aluno elabore seu projeto social (escrever) a partir da análise de outros projetos (leitura do social). Fazer do aluno um agente histórico é ensiná-lo a reconhecer diferentes projetos sociais embutidos nas diferentes falas sociais, e ajudá-lo a construir a sua trajetória a partir desses referenciais.

Acreditar nessa concepção de ensino de História foi o motivo pelo qual

foi elaborado o presente trabalho. A pouca importância dada à questão da leitura e da interpretação foi a triste conclusão a que se chegou após a experiência do estágio do ensino médio: os adolescentes têm sérias dificuldades de leitura, tanto pela falta de hábito e de incentivo, quanto de concentração e de interpretação, o que torna o fato ainda mais alarmante.

Para muitos, a História é simples "decoreba". É aquela disciplina "chata", que fala de coisas do passado que não interessam mais. Esse pensamento é intrínseco a maioria dos estudantes, uma tradição que precisa ser quebrada com urgência.

É necessário enfatizar a importância das humanidades nos dias de hoje, mostrando com clareza aos jovens que devemos estar preparados para ocupar um espaço na sociedade globalizada sob o risco de sermos sufocados por ela. A percepção do conjunto de movimentos que estão sendo executados no mundo exige, por parte dos nossos jovens, uma cultura que vá além da técnica.

Desse modo, ao ter como objetivo a formação de cidadãos conscientes, é inadmissível que um aluno do 1º ano do Ensino Médio não seja capaz de responder questões interpretativas a partir de um trecho do discurso de Luís Carlos Prestes, referente à Revolução de 1930, sendo que os aspectos históricos do período haviam sido discutidos há poucos minutos. Foi percebido que a leitura não vai além do que está explícito, ou seja, a decifração de sinais gráficos. Além disso, não há tempo para a interpretação já que há uma maior preocupação em terminar o mais rápido possível a atividade, "se livrar", pois a História realmente não tem importância.

A partir desse fato, constatado na realização do exercício na segunda aula de estágio e que passou a ter certa prioridade nas reflexões e críticas sobre o ensino de História, foi percebido que grande parcela de culpa pelo desinteresse dos alunos no aprendizado da disciplina está ligada ao fato de que ninguém tentou mostrar ainda para esses jovens a importância da História e o porquê de terem essa disciplina no currículo. Aliado a isso está o fato da dificuldade de abstração e o desinteresse pela leitura, conseqüentemente acarretando a falta de cultura e de conhecimento. Não se pode esquecer também que em alguns casos os professores também são os culpados por não tentar mudar o seu modo de dar aulas ao longo dos anos e a visão que eles próprios têm do processo de ensino-aprendizagem, o que merece ser destacado em outras discussões, em outro momento.

Voltando a atenção para o enfoque principal do texto, pode ser percebido nas experiências diárias, que a leitura dos jovens se inscreve em geral na

descontinuidade e na fragmentação: leitura da resposta certa, do aviso no quadro, do questionário, do bilhete do professor, da propaganda, do cartaz, etc.

O que está tentando se demonstrar é que obviamente um aluno do 1º ano do Ensino Médio sabe ler, relacionando com o exemplo citado anteriormente, mas o problema sério é que esse aluno não consegue ir além da leitura, ou seja, ele não consegue abstrair quase nada além do que está escrito, não consegue interpretar o que está implícito mesmo possuindo o conhecimento.

A partir disso pergunta-se: Como este aluno conseguirá se tornar um cidadão crítico e engajado socialmente?

Segundo SEFFNER (1998), a leitura não constitui para a maioria uma fonte importante de conhecimento sobre o mundo, nem a escrita uma alternativa concreta de intervenção social. É exatamente esse quadro que merece uma maior atenção no ensino:

"Duas são as tarefas necessárias para retirar vasta parcela dos indivíduos da situação de exclusão. Primeiro, possibilitar que a maioria se apodere da linguagem como instrumento de pensamento, e não simplesmente como técnica de transcrição da oralidade. Segundo, possibilitar a utilização dessa linguagem para teorizar uma outra experiência social, diferente daquela que a classe dominante considera legítima. Teorizar uma outra experiência social implica contar sua história. Contar sua história é narrar e numerar. Essas duas significações do verbo *contar*, assumem particular importância na narrativa da história. As datas, a cronologia, o tempo são categorias explicativas da história, contribuindo para organizar e possibilitar a compreensão de trajetórias. A leitura da história considera a análise dos pressupostos de que parte o autor, já que a narrativa histórica nunca é neutra. Escrever um texto histórico é então esclarecer os pressupostos de que se partiu." (p.108)

Segundo CITELLI (1994), a relação entre a formação de um cidadão mais pleno a partir da competência para a leitura está na criticidade que esta pode lhe fornecer ao se apoderar de um mecanismo tradicionalmente utilizado pela classe dominante. A tomada de posse da palavra possibilita, não a recomposição do circuito da discriminação, mas permite forçar a abertura de espaços de libertação.

Podemos dizer então que, a leitura possibilita a aquisição, por parte do aluno, de um vocabulário histórico específico, configurando o aprendizado de conceitos. Os conceitos universalizam os temas em estudo e são ferramentas para entender o mundo. A leitura de textos que estabeleçam correlação entre diferentes acontecimentos, em diferentes locais e tempos, possibilita ao aluno incorporar a história passada da

humanidade em seu repertório de vida e na construção de sua identidade social.

Comprovada a importância da leitura, é necessário atentar para a importância do ato de escrever. Se ler é compreender o mundo, escrever é buscar intervir na sua modificação. Ao pedir que o aluno escreva um texto de análise histórica, estaremos sempre buscando extrair dele uma posição frente à discussão. Trabalhamos então para que o aluno desenvolva uma capacidade argumentativa própria, utilizando conceitos claros, num ambiente democrático de troca de idéias e convívio de opiniões diferentes. Isso colabora para a formação da identidade política do aluno.

Tendo sido vistos os problemas com relação à leitura, conseqüentemente a escrita do aluno também é prejudicada porque ambos estão lado a lado. Tanto a leitura quanto a escrita são essenciais para uma vida digna no mundo atual. Sem o domínio de ambas não se consegue chegar a algum objetivo na sociedade competitiva em que vivemos.

Diante desse panorama, só uma educação de qualidade, que tenha o ser humano e suas realizações como eixo central (aí entra o papel da História) pode fazer o Brasil dar o salto qualitativo que tanto se aspira, através da qualificação dos jovens. Segundo PINSKY & PINSKY (2004), um país cuja população não sabe ler, que, quando lê, lê pouco, e quando finalmente lê, pouco entende, não tem muitas chances num mundo exigente de qualificação de sua força de trabalho.

Além disso, a era de comunicação e serviços em que estamos prestes a viver tende a substituir a força física pela sutileza e pela educação formal. Os países que não agirem a favor da História ficarão fadados a se distanciar cada vez mais daqueles outros, ricos ou não, que colocam a educação e a cultura como prioridade real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAMPS, Anna & COLOMER, Teresa. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002. (Cap. 2).

CITELLI, Adilson O. *Conceito de leitura*. In: MAGNANI, Maria Aparecida (org.). Leitura: caminhos da aprendizagem. São Paulo: FTE, 1994 (pg. 45-51).

PINSKY, Jaime & Pinsky, Carla. *Por uma História prazerosa e conseqüente*. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2004.

SEFFNER, Fernando. *Leitura e escrita na história*. In: NEVES, Iara Conceição (org.). *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.